

4 A escola - primeiros contatos

Encontrando receptividade e interesse:

Em dezembro de 2005 como integrante do SOCED, estive na escola apresentando os resultados do survey aplicado anteriormente⁴⁷. A ida de nosso grupo foi negociada com uma certa antecedência. A equipe chegou à escola e foi imediatamente conduzida à sala da direção. O funcionário da portaria já estava informado do evento.

Uma rápida olhada ao prédio mostrava um local bastante depauperado pelo tempo, com manutenção insuficiente, um aspecto de bagunça próprio do início de uma obra: alguns operários circulavam pelos corredores, os funcionários vestiam-se com camisetas surradas, objetos empilhados, escadas portáteis, tintas etc.

Aguardamos na sala da direção. Pequena, acanhada, cheia de caixas, pilhas de papel e pastas, condizente com o momento de arrumação vivido pela escola. Era o último mês da gestão da equipe que nos recebia e o início de um trabalho de reforma predial “*urgentíssima*”, segundo um dos professores.

Passamos para o auditório, uma sala ampla, clara, com mobiliário simples –cadeiras universitário – e duas mesas na frente. Alguns funcionários instalavam um projetor de slides bastante antigo, traziam água, garrafa térmica com café e copos descartáveis. A diretora extremamente simpática e solícita, presente o tempo todo, ajuda a arrumar a mesa, as cadeiras, pergunta se precisamos de algo, diz ter feito um bolo para o encontro e nos apresenta ao grupo de professores – cerca de um terço do corpo docente em atuação⁴⁸ – desculpando-se por ser um número pequeno, justificado pela época de finalizações com alguns alunos exigindo “uma certa atenção” .

A equipe do SOCED começa a apresentação explicando o que motivou a pesquisa, perguntando se alguém tinha lido o material enviado (tabelas e dois

⁴⁷Desde 2002 o SOCED/ Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação/Puc-Rio vem estudando os processos de produção da qualidade de ensino em escolas de prestígio no Rio de Janeiro. Entre 2002 e 2004 desenvolveu um survey em 9 escolas, objetivando a construção de perfis de pais, professores e alunos envolvidos nesses processos, procurando compreender como as características institucionais e familiares interagem na produção da imagem de qualidade de ensino.

⁴⁸A escola (em 2006) possuía 17 professores se doutorando e 5 em fase de mestrado. Cerca e 95% dos profissionais possuem grau de Mestre.

artigos, que continham reflexões sobre o trabalho desenvolvido). Os professores presentes dividem-se, alguns não tinham conhecimento do material, porém mostravam-se bastante interessados, interferindo com perguntas variadas, apesar de poucos terem tido acesso ao material enviado.

À medida que os dados construídos, eram projetados e analisados (parte dos resultados do survey), suas expressões faciais oscilavam entre a concordância, a indagação e a surpresa. Durante toda a apresentação, a participação foi intensa. Pareciam familiarizados com metodologia de pesquisa porque mesmo quando foram levantadas algumas questões teóricas, como a construção dos questionários, faziam indagações pertinentes. Interessados, manifestaram alguma tensão apenas quando foi mencionada a forma de ingresso e a jubilação⁴⁹. Passaram cerca de duas horas atentos à exposição e colocando-se à nossa disposição para o olhar mais próximo que a pesquisa exigia. Num clima de informalidade e descontração, finalizamos o evento com um pequeno lanche. Saímos da escola com a sensação de que nosso trabalho tinha sido bastante produtivo e bem aceito.

Vieram as férias e no início do ano letivo voltamos à escola, já sob nova direção. Após três tentativas telefônicas sem sucesso, resolvemos ir mesmo sem agendamento. Logo ao chegar, percebemos a transformação operada no prédio nos últimos meses: uma nova aparência, uma vitalizada geral. Fomos encaminhadas para uma sala próxima à entrada onde se instalava parte da direção⁵⁰. Um dos atuais diretores que atendia alunos no balcão, reconheceu-nos, mencionou nosso trabalho, mas desculpando-se gentilmente, afirmou não poder nos ajudar em nosso propósito de retorno, já que à direção geral cabia decisão dessa monta.

Na ante-sala da direção, a secretária agendou nosso encontro mencionando que deveríamos aguardar a confirmação, uma vez que “a última palavra era dela”.

⁴⁹**Forma de ingresso:** A forma de ingresso à escola vem se transformando ao longo de sua história. Os primeiros alunos em fins dos anos 40 ingressaram por conta de um processo de convencimento junto aos pais que assumiam os riscos de seus filhos freqüentarem um estabelecimento novo, dedicado à experimentação pedagógica. Durante muitos anos o ingresso deu-se fundamentalmente através de rigorosos exames de seleção, substituído por exame seguido de sorteio e mais recentemente, desde o final dos anos 90 apenas sorteio para a 1ª e 5ª séries do ensino fundamental e sorteio precedido de prova, para a 1ª série do ensino médio.

A jubilação: mecanismo que exclui do sistema aqueles que logram duas repetências sucessivas (numa mesma série). Atualmente a escola adota o mecanismo de forma particular: são permitidas 3 reprovações durante todo o percurso escolar, sendo uma em cada nível de ensino (uma de 1ª a 4ª série, uma de 5ª a 8ª e uma no ensino médio).

⁵⁰Existem três direções na escola: Geral, de Ensino e de Licenciatura e Projetos.

Na semana seguinte, depois de dois adiamentos, fomos recebidas pela diretora geral. Professora da escola, mencionou o fato de que apesar de ter muito trabalho na nova função, continuaria com pelo menos uma turma. Não lhe mobilizava a idéia de estar “fora de turma”. Passamos muito pouco tempo em sua sala que parecia bem mais organizada que da última vez que lá estivemos, dois meses antes.

Explicamos nosso projeto, ela desculpou-se pela demora em nos atender, falou do momento de transformação que viviam, por conta das obras de manutenção predial e dos trâmites burocráticos e processuais exigidos pela posse das novas equipes. Por conta desses compromissos não se encontrava muito disponível. Comentou um pouco sobre a especificidade da escola, sobre a obra, sempre atenta às nossas perguntas e interesses.

Caminhou conosco, enquanto se comunicava com todos que encontrava, indiscriminadamente. Ao que parecia, tinha algo a adicionar em todos os aspectos. Falou com operários, com professores, com a funcionária de uma pequena cozinha, com uns alunos perto de uma rampa de acesso ao segundo andar, com o rapaz da cantina, com um inspetor, com orientadores educacionais, até que chegamos à sala da direção, que entre outras coisas, responsabilizava-se por pesquisas e projetos.

Fomos apresentados à outra diretora e ficou combinado que nossa passagem pela escola aconteceria invariavelmente por esse setor. Em princípio podíamos realizar tudo que nosso trabalho exigisse. O trabalho do SOCED já havia sido permitido na gestão anterior e além disso – a escola estava acostumada com pesquisas variadas. Contudo, era imprescindível que o setor negociasse, passo a passo, o nosso roteiro. A justificativa era o fato da escola ser um espaço de intenso tráfego de pessoas por conta de sua peculiaridade (recebia licenciandos e professores da universidade cotidianamente). Para a diretora:

”É uma escola de licenciatura, não consideramos que temos uma turma de 5ª série, mas uma turma de licenciandos que faz estágio na 5ª série... não tem como objetivo ser a melhor escola para o vestibular, quer ser a melhor escola onde um estagiário possa se formar. Há professores que acreditam muito mais na missão de boa formação no ensino básico, do que na formação de professores, no ano passado, foram 360 estagiários, um para cada dois alunos” .

A afirmação soou como algo minimamente incomum e foi de certa forma uma das lentes que orientaram nossa passagem durante todo o ano que freqüentamos a escola.

4.1 Por que freqüentar uma escola específica?

“Pensando em mim, na minha vida, nos meus pais, e até no mundo, eu não sei quem seria eu se não fosse o (nome da escola). E tudo por causa de uma coisinha à toa, um numerozinho que caiu!”

Bernardo⁵¹

Meses depois, no final do mesmo ano, num sábado quente de fim de primavera, dirigi-me a um local distante da escola⁵², de difícil acesso, sem a circulação de coletivos, mal sinalizado, onde se realizaria o sorteio para o ingresso na instituição. A chegada é dificultada - encontro algumas entradas fechadas por conta da insegurança do local - de acordo com declaração do guarda que abordo por informações. Ao chegar, percebo muitos carros no estacionamento e um movimento grande de adultos e crianças, vestidas de maneira bem descontraída. Apesar do forte calor, conversam animadas como se estivessem numa atividade de lazer.

No interior do prédio, a situação parece bastante diversa: organização, formalidade, indicativos de um processo definido em edital público, com listagens afixadas na entrada e funcionários orientando pessoas. A direção geral e um representante da direção adjunta de ensino, alguns funcionários e pais, realizam o sorteio⁵³, sob olhares atentos e ansiosos, de candidatos e familiares. O clima é de muita tensão: choros, reclamações, mãos dadas em sinal de solidariedade, gestuais religiosos e efusivas comemorações quando alguém é contemplado.

Converso com pais e jovens e constato o desalento, a tristeza de não ter sido sorteado ou a felicidade de passar a fazer parte da escola. Independente do que os orientou nessa busca, aparece como denominador comum a crença na

⁵¹Músico profissional, aluno do curso de Ciências Sociais de uma prestigiada universidade pública, ex aluno da escola, onde cursou todo o ensino básico. Membro de um time de futebol com atividade semanal do qual participam muitos ex-alunos do colégio, me foi apresentado por um amigo. Sua fala referia-se ao processo de sorteio para ingresso na escola.

⁵²A sede da Universidade da qual a escola é um órgão.

⁵³Pequenas bolinhas caem de esferas vazadas completando determinado número, seguido da imagem projetada num telão com a listagem dos participantes contendo nome e número. Semelhante ao utilizado habitualmente em bingos.

excelência da instituição e nas possibilidades desse pertencimento influir de maneira positiva em seus futuros. Nesse ano que frequentei a escola penso ter me aproximado, ainda que minimamente, de parte dos mecanismos que a tornaram objeto desse desejo.

Razões de uma escolha:

...não é jamais possível, em todo caso, dizer com segurança quem, entre o agente e a instituição, escolhe realmente: se é o bom aluno que escolhe a escola ou se é a escola que o escolhe...(Bourdieu:1997, p.198)

A maneira como as famílias escolhem a escola a ser freqüentada por seus filhos é muito diversa. Os objetivos a serem atingidos através da escolarização divergem, sobretudo, por fazerem parte do elenco de estratégias de distinção/classificação social que cada grupo pode fazer uso. Portanto, dificilmente pode ser encarada como uma escolha meramente individual. Variações podem ser encontradas inclusive dentro dos próprios grupos. Sempre importa, ainda que para uns, de maneira muito diferente do que para outros. Dependem de como os diferentes tipos de capital são utilizados na intenção de se apropriar de bens culturais que servirão como moeda de troca, distinguindo os portadores, quando do ingresso no mundo do trabalho, na vida adulta.

O número expressivo de inscrições⁵⁴ para o sorteio de ingresso é uma amostra da importância que essas famílias dão à escolarização dos filhos: para a 1ª série haviam 852 candidatos para 48 vagas e mais 12 para uma lista de espera; para a 5ª série mais de 500 candidatos para 8 vagas e 12 para a lista de espera e para a 1ª série do ensino médio haviam 960 candidatos inscritos para a prova de nivelamento, dos quais 245 foram considerados aptos para 40 vagas e mais 15 na lista de espera.

São poucas as famílias que não precisam adequar sua proposta de escolarização dos filhos, levando em conta o critério econômico – aí incluídos fatores diversos, inclusive a facilidade de acesso. Principalmente as camadas médias, que vêm perdendo poder aquisitivo e para as quais pagar uma mensalidade escolar significaria um sacrifício. Frequentar uma escola pública considerada de excelência, para algumas dessas famílias é acenar para as

⁵⁴Informações da secretaria da escola.

possibilidades de um futuro promissor para os filhos, a um custo administrável em termos financeiros.

Para os grupos mais favorecidos economicamente, as razões ligadas à economia de recursos aliadas à possibilidade de um bom resultado acadêmico parecem orientar suas condutas.

A escolha por uma escola de qualidade, com resultados já confirmados, no que se refere ao desempenho, e que além de tudo seja gratuita, pode ser explicada de várias maneiras. Podem escolher sem maiores reflexões, de acordo com várias disponibilidades (local, algum conhecido, etc.), sem maiores questionamentos, ou ao contrário, realizar uma escolha mais racional que considere algumas outras questões.

Para os possuidores de um volume maior de capital-informação⁵⁵, facilitado pelas condições econômico-financeiras que possuem, a escolha faz parte de um leque de possibilidades amplo e permanentemente atualizado. Isso os habilita ao enfrentamento das questões que permeiam seu cotidiano e serve também para o desenvolvimento de estratégias voltadas para o futuro. Assim sendo:

“O capital-informação tende a dividir os homens e mulheres em ricos e pobres em informação, em aqueles que geram valor-informação para o capital e aqueles excluídos do processo de geração, registro, comunicação e consumo de informação-valor (Dantas, 2002, p.198).”

O fato é que nem todos os pais dispõem do conhecimento necessário para avaliar adequadamente qual seria o melhor estabelecimento a ser freqüentado pelos seus filhos de maneira a tirar o máximo proveito dessa passagem.

As razões da escolha pela escola parecem ser mais um dos fenômenos que geram discordâncias entre autores: seria uma das possibilidades de transmissão ou de rompimento com a herança cultural⁵⁶, porém em qualquer das possibilidades dificilmente existem alternativas que não signifiquem certos constrangimentos.

Na medida em que se aproximam da proposta educativa de um determinado estabelecimento, os pais aceitam implicitamente, participar de um

⁵⁵Capital cultural para Bourdieu (1995), também pode ser denominado “capital informacional”. É utilizado neste contexto como um dos componentes da estrutura do capital cultural.

⁵⁶Alguns estudos se aproximam dos primeiros trabalhos de Bourdieu que consideravam a escola principalmente local de reprodução social e outros realizam uma releitura dos mesmos abrindo possibilidades para rompimentos com a situação estabelecida.

jogo. Porém, nem todos conhecem as regras ou estão adequadamente preparados para conviverem com elas. Alguns provavelmente jogarão na defesa, concentrando a maior parte de seus trunfos visando sobretudo o final da partida. Já outros, mais bem posicionados, assumiriam outras posições que lhes permitiriam circular pela partida com mais desenvoltura, aproveitando cada lance das diferentes jogadas.

Em muitos momentos, ao longo do processo, essas diferenças podem ser vivenciadas de maneira bastante sofrida, tanto pelo aluno quanto pelas famílias, podendo resultar inclusive, na exclusão do sistema. Alunos da escola P1 sorteados para ingresso, possivelmente têm em comum o fato de serem membros de famílias educógenas, afinadas com a importância da escolarização dos tempos atuais. Isso já significa que, em princípio, poderiam ter trajetórias exitosas. Contudo, é no cotidiano das práticas escolares, na relação que se estabelece entre os agentes, é que vão se definindo as condições de eficácia e equidade⁵⁷.

4.2

Percebendo o clima

Meses antes, quando cheguei à escola, observei durante um certo tempo à maneira dos turistas: reconhecendo paisagens já vistas em outros contextos e ao mesmo tempo procurando o que olhar, buscando um fio de meada, uma pista que me mobilizasse.

Enquanto circulava, conversava com pessoas, percebia um “clima” que me instigava, me surpreendia, principalmente por certas peculiaridades. Parecia incomum o relacionamento entre os agentes da instituição. Uma espécie de informalidade inscrita numa atmosfera de ordem, ainda que sem a presença ostensiva e explícita da autoridade, num contexto respeitoso apesar da grande descontração.

⁵⁷Eficácia se refere à capacidade da instituição em influenciar no desempenho escolar dos alunos positivamente. Equidade seria a capacidade de reduzir as diferenças iniciais dos alunos quanto às aquisições escolares. Ambos os conceitos devem ser entendidos com cautela uma vez que as escolas funcionam de maneira diferente para cada estrato social (Nuttal et al (1989) apud Bressoux: 2003).

Passei alguns dias pelo prédio antigo em reformas, por onde circulavam pessoas estranhas ao ambiente (trabalhadores da construção civil). Apesar disso, as atividades escolares aconteciam rotineiramente em meio a toda confusão provocada pela poeira, pelo cheiro de tinta e pelo acúmulo de material a ser descartado.

Alunos, professores e licenciandos conversando, uma sala de professores freqüentada por alunos durante o recreio, um banheiro conjunto para professores e alunos, incrivelmente asseado e sem as rotineiras inscrições nas portas; a sala de uma das direções⁵⁸ servindo de local de descanso, com alunos nas poltronas servindo-se de água gelada, um tom coloquial entre todos; jovens confortavelmente instalados em rampas, pelo chão, apropriando-se do espaço de maneira descontraída, e o mais extraordinário: em toda essa movimentação, um nível de ruído dentro do razoável para um ambiente escolar, longe da percepção de bagunça.

Parecia um tipo diferente de organização no qual a informalidade dos relacionamentos aparecia como um traço institucional forte. Ao final do que seria o intervalo, todos se dirigiam às suas atividades (inclusive os alunos), sem maiores interferências, dos que me pareciam serem os inspetores. Apesar dessa impressão inicial, jamais foi descartada ao longo do trabalho, a hipótese de existirem espaços de resistência, onde esses diferentes agentes atuariam se contrapondo ao consensual. Contudo, os mecanismos de negociação⁵⁹ pareciam bastante incorporados pelos mesmos, provocando práticas muito mais agregadoras que o inverso.

Mais tarde, com a continuidade do trabalho de campo, fui identificando um clima determinadamente voltado para o crescimento dos alunos, positivo naquilo que parece objetivar a educação nesses novos tempos:

“[...] democratizar o acesso aos saberes, a desenvolver a autonomia dos sujeitos, seu senso crítico, suas competências de atores sociais, sua capacidade de construir e defender um determinado ponto de vista,” (Perrenoud, 2002).

⁵⁸Existem 3 salas onde se instalam as direções: Geral, Acadêmica de Ensino e de Licenciatura, Pesquisa e Extensão.

⁵⁹Evidências empíricas do grande empenho dos agentes em negociar e não impor, foram percebidas em vários momentos: No cotidiano dos corredores, nos recreios, no atraso da chegada, nas reuniões com os alunos representantes do grêmio, nos conselhos pedagógico e de classe, na resolução dos problemas ocasionados quando do relançamento do jornal, da “cola” durante as provas e principalmente durante as aulas.

A sensação de curiosidade inicial foi seguida da intenção de associar a idéia de clima com a de eficácia, já que sendo uma escola de prestígio, vivia o desafio de criar um ambiente de aprendizado que respondesse às demandas externas e que simultaneamente fosse atraente.

De acordo com a literatura, escolas eficazes são aquelas que conseguem fazer com que seus alunos tenham desempenhos significativos, independente de sua origem social. Estas escolas influenciariam positivamente no desempenho dos alunos, tanto no que se refere às aquisições acadêmicas, quanto sociais. Tratando-se de uma escola cujo desempenho acadêmico a coloca entre as melhores e que, além disso, encontra-se em posição altamente favorável no que se refere às representações sociais⁶⁰, caberia identificar o clima que a envolve. Isto significava caminhar da vaga noção do senso comum de “clima”, para uma sistematização teórico-empírica do trabalho de campo.

⁶⁰Aqui entendidas não como uma imagem-reflexo da realidade escolar e sim uma construção social que visa também, legitimá-la.